SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA: RETRATOS DA MULHER NOS CONTOS FREIRIANOS

SILENCE AND RESISTANCE: WOMAN'S PORTRAITS IN FREIRE'S TALES

Claudimar Paes de Almeida[1]

Leoné Astride Barzotto[2]

RESUMO: A década de 1960 foi um momento precursor do pensamento feminista, pois a mulher se torna elemento de estudo em diversas áreas do conhecimento. Com esse pressuposto, o trabalho tem como objetivo realizar um estudo através dos contos de Marcelino Freire contidos nas obras *BaléRalé* (2004) e *Contos negreiros* (2005), acerca do pós-colonialismo, feminismo e a questão de gênero, já que há um estreitamento entre estas correntes críticas, pois como afirma (DU PLESSIS, 1985, p. 46 apud BONNICI, 2009, p. 266) "Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia". Considera-se que, se o homem foi duramente colonizado, a mulher sentiu, em suas "entranhas", duplamente esse processo. Diante dos apontamentos, toma-se como metodologia um estudo crítico-analítico, apoiando-se em referências que contribuem diretamente nas ponderações assinaladas. A pesquisa agrega os seguintes aportes teóricos: Adichie (2015), Beauvoir (1980), Bonnici (2009) e Zolin (2009). A análise ultimou que a figura feminina contemporânea ainda vivencia as muitas mazelas do contexto pós-colonialista, principalmente quando direcionadas ao silenciamento e ao subjugamento à violência, à prostituição ou ao abuso sexual. Entretanto, as vozes de resistência da mulher à não imposição, julgamento e subalternidade salpicam como "gotas de sangue" na conjuntura atual.

Palavras–chave: Colonialismo; Contemporaneidade; Gênero; Marcelino Freire; Pós-colonialismo.

ABSTRACT: The 60's were a precursor time of Feminist thought, for the woman becomes a study element in various areas of knowledge. Within this assumption, this study aims to conduct a study through Marcelino Freire's tales which are in the works *BaléRalé* (2004) and *Contos negreiros* (2005), considering Post-colonialism, Feminism and Gender Studies, as there is a narrowing between these critical currents because, as said (DU PLESSIS, 1985, p. 46 apud BONNICI, 2009, p. 266) "A colony of the woman is a woman of metaphor as a colony". It is considered that if the man was heavily colonized, the woman felt, in her "gut", doubly this process. On the notes, the methodology is based on a critical-analytical study, relying on references that contribute directly to

1 Universidade Federal da Grande Dourados / claudimarpaes@hotmail.com

2 Universidade Federal da Grande Dourados / leoneastridebarzotto@gmail.com

the indicated concerns. The research adds the following theoretical contributions: Adichie (2015), Beauvoir (1980), Bonnici (2009) and Zolin (2009). The final analysis comprehends that the contemporary female figure is still experiencing the many ills of post-colonial context, especially when directed at silencing and subjugation to violence, prostitution or sexual abuse. However, the woman's resistance voices to the non-imposition scene, trial and subaltern dot as "drops of blood" in the current situation.

Keywords: Colonialism; Contemporaneity; Genre; Marcelino Freire; Post-colonialism.

INTRODUÇÃO

Os estudos pós-coloniais têm como princípios norteadores as instrumentalizações de denúncias impostas pelas atitudes e olhares dos colonizadores europeus em detrimento das nações colonizadas, pelos quais a opressão, a subversividade, o controle, a exploração, a marginalização eram métodos de construção do projeto imperialista. Vale ressaltar que as práticas colonizadoras criaram terrenos férteis para propagar o sentimento de inferioridade/superioridade em diversos espaços, por muitos séculos, e manter o projeto de hegemonia e controle econômico a partir de um pequeno círculo europeu, ocasionando não somente a degradação de muitas nações, mas também, em alguns lugares como o Caribe, o extermínio de algumas populações e línguas. Se o projeto imperialista europeu foi benéfico e escandalosamente lucrativo para uma meia dúzia de países do 'Velho Mundo', em contrapartida, este mesmo projeto foi profundamente desastroso e sanguinário para todos os demais países envolvidos no esquema, ainda que sem escolha ou vontade, aqueles que estavam no outro lado da moeda e vistos como simples instrumentos de manipulação e fontes de recursos.

Entretanto, ao aludirmos à literatura pós-colonial, pode-se pensar em uma nova estética, onde os povos colonizados formam o esquadrão de frente, trazendo à tona as atrocidades cometidas pelo colonizador, denunciando-as e possibilitando uma nova releitura e reescrita das obras imbuídas desse 'Olhar do Outro' sobre o outro e da subalternidade do sujeito que se diferenciava da cultura hegemônica, essa considerada superior, padrão, correta, e única moldada de valores arquétipos.

Na medida em que as histórias eram contadas pela ótica do colonizador, a inferiorização ocorria de forma inescrupulosa à figura do colonizado, pois rotulavam-no como sujeitos sem cultura, sem religião e sem ideologia. No contexto, tem-se como estratégia de dominação a outremização, como modulação de imposição da Cultura sobre a cultura, modificando-a, e fragmentando-a, e ainda se acopla a criação dos estereótipos, caracterizando o colonizado de forma negativa nos aspectos físico, social, cultural e intelectual; outros aspectos podem ser referidos a etnografia, a hegemonia, o Outro/outro, o discurso, o olhar panóptico, centro e margem, entre outros, que se constituíram como diferenciação de uma População em marginalização da outra.

É a partir do cenário supradito, que a teoria e a crítica dos estudos pós-coloniais agregados a outros contribuintes como a crítica feminista e os estudos culturais, em especial tratando-se da questão de gênero, que o estudo em tela objetiva realizar uma investigação através dos contos "Alemães vão à guerra", "Yamami", "Vanicléia", "Jéssica"

e "Totonha", contidos nas obras *BaléRalé* (2004) e *Contos negreiros* (2005), refletindo a figura da mulher dentro do contexto do colonialismo, do pós-colonialismo e contemporâneo, em visto de sua dupla exploração, subordinação e inferiorização. No entanto, não nos deteremos nesse sujeito (a mulher) somente enquanto ser colonizado, mas de seu processo de exploração, balbuciamento, até sua posição de lugar como sujeito que fala e tem voz, interroga, não se deixa subordinar, não se entrega ao contexto de imposição, mas que se coloca como recusa e construtora de sua própria vida.

A RELAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E O FEMINISMO: SILENCIAMENTOS E RESISTÊNCIAS

Se pensarmos historicamente, em detrimento dos acontecimentos que emanaram a partir da década de 1960, tem-se então, o pós-colonialismo e o feminismo comungando, pois o imperialismo e o patriarcalismo sujeitam o colonizado e a mulher. Por conseguinte, é no ensejo das experiências vivenciadas pelo colonizado e pela mulher que surgem como argumento o pós-colonialismo e o feminismo. Os dois urgem e se validam do mesmo discurso, partindo da política de representatividade e da identidade, operados principalmente pela linguagem. Neste sentido, o texto literário é de grande valia, pois cabe a ele espaço de denúncia, revide e contra-ataque (pela escrita).

O pressuposto supradito refere-se à dialética que se desdobra em muitos escritos, aquele que creem no fato da mulher ter sido duplamente colonizada, o que pode-se pensar de forma vertical e horizontal, ou seja, colonizada pelo colonizador e pelo próprio colonizado (sexo masculino). A colônia não se torna somente ambiente recém-descoberto e explorado pelo colonizador, mas alegoria da própria imagem da mulher. Navegando "[...] na história do Brasil, a mulher sempre foi relegada ao serviço do homem, ao silêncio, à dupla escravidão, à prostituição ou a objeto sexual [...]" (BONNICI, 2009, p.266). No panorama dos romances brasileiros, como "O cortiço" (1890), de Aluízio Azevedo, "Senhora" (1874), de José de Alencar, "Dom Casmurro" (1899), de Machado de Assis e em diversos romances de Jorge Amado, entre eles, "Tereza Batista Cansada de Guerra" (1972), propaga-se o perfil da mulher analogicamente enquanto subalterna e objeto. Nesse sentido, os dois discursos têm como objetivo a inserção da mulher na sociedade.

Historicamente, a mulher sempre foi considerada uma figura inferior ao homem, submetida aos trabalhos domésticos, sendo excluída dos trabalhos intelectuais. Figura submissa ao homem, vivia com o intuito de procriar e servir ao mesmo, não tendo direito à educação, pois lhe era negada. Dessa forma, ela estava destinada ao objetivo de manter o bem-estar da família e satisfazer os desejos de seu marido, acarretando, assim, o seu enclausuramento num ambiente patriarcal. Os direitos não lhes eram reservados (como ainda não o são em muitas nações do globo), os anseios e desejos que elas gostariam que se concretizassem eram renegados.

Nessa perspectiva, a mulher era sempre considerada como "Outro". Destaca Beauvoir (1980, p. 179):

> A HISTÓRIA mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi

> que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais.

A história marca esse episódio, no qual o homem se vê como detentor de todo o poder, ditador do que deveria ser feito, colocando a mulher como objeto de domesticação. Entretanto, as mulheres começaram a reivindicar, lutar, buscar e conquistar seus direitos, principalmente no que condiz a sua relação nas questões pertinentes ao âmbito social. Com o passar dos séculos, compreende-se que a mulher veio ganhando seu espaço e sendo destaque em vários âmbitos. Ressalta Zolin (2009, p. 217):

> Desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista a mulher vem se tornando objeto de estudo de diversas áreas de conhecimento, como a Sociologia, a Psicanálise, a História e a Antropologia. Também no âmbito da Literatura e da Crítica Literária, a mulher vem figurando entre os temas abordados em encontros, simpósios e congressos, bem como se constituindo em motivo de inúmeros cursos, teses e trabalhos de pesquisa.

Nessa escala de importância, a mulher passa de figura inferior à figura igualitária, ou seja, tem direitos e faz parte da sociedade enquanto ser participante e atuante no meio em que vive. Entretanto, nem sempre dentro dessas áreas a mulher foi respeitada, porque "a fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental, etc." (BEAUVOIR, 1980, p. 17). Para exemplificar, quando a questão religiosa, os homens apoiavam-se na serventia da mulher à ele, visto que lhe deviam respeito e obediência total, sem o mínimo de questionamento e participação, já que ELE era reconhecido como o detentor da sabedoria, e o embasamento se encontrava nas passagens bíblicas; o tangente ao enfoque biológico, a mulher, pela tradição patriarcal era subjugada quanto ao seu corpo, sendo o seu destino, neste caso, os papéis sociais destinados à ela, são visualizados como um fator de ordem natural; e por último a linguagem atribuída a personagem feminina, à qual, construía-se a partir da subordinação ao homem e da diferenciação entre a questão de gênero e classe social.

É importante ressaltar que o feminismo foi um movimento de luta criado e liderado por mulheres contra a sociedade sexista, em busca de direitos igualitários para ambos os sexos. Este marcou de forma positiva esta época, modificando as formas de pensar de viver da sociedade.

Este também causou um grande impacto, tanto nos âmbitos das instituições sociais e políticas, quanto nos hábitos e costumes do cotidiano, ampliando a atuação da mulher nas questões públicas, sendo repercutido de forma marcante em toda a sociedade. O feminismo representa uma crítica à desigualdade social de sexo, num panorama sociológico de gênero, promovendo os direitos feministas.

No campo literário, a questão feminista teve seu marco inicial na publicação de *Sexual Politics* em 1970, tese de doutorado de Kate Millet. A partir desta publicação, muitas mulheres começaram a publicar suas críticas literárias feministas, deixando sua posição de inferioridade e passando a surgir como escritoras dentro da literatura; ou seja, praticando elas mesmas um conceito típico do pós-colonialismo – a subjetificação. Neste sentido, as mulheres não aceitam mais a condição sexista imposta pelos homens, pela qual seriam meros objetos, e assumem de vez seu papel social, cultural e

político de sujeitos que são. Tendo como reflexão que "[...] a constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas" (ZOLIN, 2009, p. 218).

A mulher deve muito ao movimento feminista, visto que passou de uma figura meramente explorada para uma figura de estudo e de grande importância no que condiz ao espaço literário. Salienta Zolin (2009, p. 218):

> Nas últimas décadas, muitas facções críticas defendem a necessidade de se considerar o objeto de estudo em relação ao contexto em que está inserido; de alguma forma, tudo parece estar interligado. No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher.

Este estereótipo foi criado como uma perspectiva de demonstrar a relação de poder. Poder que devinha de toda forma do autoritarismo legado ao homem. O olhar literário ao objeto mulher está ligado ao processo que o feminismo repercutiu, e é importante citar que este estereótipo não estava presente em dado momento só na literatura, mas em outros meios de comunicação. Quando se trata da relação de poder, considera-se que quando reflete-se sobre a crítica literária feminista, entende-se que ela tem um cunho político. Comenta Zolin (2009, p. 218):

> [...] também a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operários fornecidos pela crítica feminista implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às novas convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos.

Sabe-se que levaram séculos para a reconstrução da ideologia criada em relação ao gênero, isso se deu por uma cultura criada na sociedade da época. Essa quebra de paradigma relacionado ao gênero feminino se deu a partir de uma construção que implicou em mudanças de atitudes sociais e culturais.

Considera-se as mudanças sócio-históricas como sendo um fator importantíssimo ao relacionar a produção literária feminina. Muitas discussões já vêm sendo feitas desde as décadas de 1970 acerca do espaço negado à mulher na sociedade e o reflexo disso no campo literário. Todos estes debates têm como objetivo romper com a tradição criada em relação à mulher, no qual ocupava um papel secundário a do homem. Entende-se que tal implicatura leva a um questionamento quanto aos cânones críticos e literários. Nessa mediação "[...] a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de versão do pós-estruturalismo" (ZOLIN, 2009, p. 218).

Quanto à história, relata-se ainda que a figura da mulher foi se construindo com o tempo, em diferentes lugares. Quando se trata dos Estados Unidos, compreende-se que o feminismo só entra no cenário político por volta da metade do século XIX, das reivindicações feitas através de campanhas pela igualdade legislativa. Já na Inglaterra, ainda entre os séculos XIX e XX, estes eram marcados pela indiferença à mulher. Segundo Zolin (2009, p. 220):

> Na Inglaterra, a condição da mulher na Era Vitoriana (1832-1901) foi tenazmente marcada por diversos tipos de discriminações, justificadas com o argumento da suposta inferioridade intelectual das mulheres, cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra as 3 libras e meia do cérebro masculino. Resulta disso que a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa. Eram esses os valores apregoados pela rainha Vitória em suas cartas e por suas súditas em guias vitorianos como *The Female Instructor (A professora),* de autor anônimo, ou *The Women of England (As mulheres da Inglaterra),* de Sarah Stickney Ellis, publicado em 1839 [...].

No entanto, apesar das mulheres não terem acesso à lei, percebe-se que nas práticas sociais a realidade era outra, pois a maioria não queria se submeter ao modelo organizacional social da época. Não submetendo-se ao enclausuramento familiar, as mulheres trabalhavam fora como costureiras, domésticas ou operárias. Assim, a prerrogativa determinada pela era vitoriana na Inglaterra servia como respaldo para uma minoria, ainda que visasse moldar um padrão comportamental feminino para todo o período.

Quando toma-se em reflexão a questão da mulher no século XIX, vai-se criando uma personificação da mulher diferenciada, visto que o feminismo repercutiu como forma inovadora e movimento plausível no âmbito social e político. Destaca Zolin (2009, p. 219-220)

> Seja como for, mesmo que se entenda que o feminismo esteja restrito aos últimos dois ou três séculos, trata-se de um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que, consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual etc., até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário.

Tudo isso contribuiu para que a mulher viesse a se tornar uma figura importante dentro dos textos literários e também que se expandisse a formação de uma tradição literária de autoria feminina tanto na Europa quanto nas Américas, revertendo, nesse sentido, os valores criados pela tradição literária masculina. Nessa perspectiva, o final do século XIX proporcionou uma nova visão da mulher na literatura, não sendo mais exposta e submissa ao processo de inferioridade ao homem, compreendendo sua capacidade de empreender e realizar mudanças no meio social e político.

RETRATOS DA MULHER NOS CONTOS FREIRIANOS

A mulher, figura emblemática nos escritos de Marcelino Freire, participa de forma indireta ou direta na construção da história ficcional, dependendo do contexto em que se insere. No entanto, apesar das grandes transformações sociais e culturais, ela ainda

é subjugada de forma dissimulada ou até mesmo expositiva, pela conjuntura atual. O que devemos destacar no panorama mundial é que o sujeito feminino ainda vive as grandes mazelas da violência e da subordinação derivada do homem, principalmente quando este, ao tomar um posicionamento patriarcal, visa a mulher como objeto, relegada a num ambiente submisso, de resignação, atestada como mero instrumento de satisfação sexual.

Ao analisar os contos freirianos nos livros *BaléRalé* e *Contos negreiros*, percebermos as diversas contendas vivenciada pelas mulheres, independentemente de sua cor ou classe social. É importante lembrar que o contexto contemporâneo ainda guarda e carrega os grandes dramas vivenciados pelas mulheres desde os tempos mais remotos. O que se vislumbra ainda é uma guerra desnudada dessa personagem quanto à incompreensão sobre a ideia de gênero.

Tal representação fica evidente no Canto IV "Alemães vão à guerra", do poema "Navios Negreiros":

> Alô, Johann. Johann. Como as negras do Nepal, tem. Das Ilhas Virrgens também. É só irr. Feito as mocinhas da Guiana. Da prraia do Pina, depois do hotel, é só irr. Prreparra a mala, Johann. Deixa a mala pronta.
>
> [...]
>
> Nosso dinheirro salvaria, porr exemplo, as negrrinhas do Haiti. Barratas como as negras de Burrunti. Trouxe uma parra aqui, lembra? Faz tempo que eu trouxe uma parra aqui.
>
> Ajudei a prreserrvarr, no meu pescoço os dentes de marfim. Hoje, ela ganha ensinando ao povaréu de Berrlim. Em Mönchengladbach, dança. Ganha a sorrte no samba (FREIRE, 2005, p. 37).

Diante da situação vê-se o tranquilo diálogo ao referirem-se às personagens femininas, tecendo-lhes falas com olhar objetificador. A mulher negra (em referência) estereotipada de forma descartável, e além disso, "salva" pela "solidariedade" do estrangeiro, delegando as localidades citadas (Nepal, Guiana, Rio de Janeiro, Salvador etc.) como cenários de exploração sexual, por isso o motivo de deixar "a mala pronta". É perceptível a voz do personagem masculino, sobrepondo o silenciamento da mulher que se vê ser explorada, trocada, descartada e exaltada pela "educação" proporcionada pelo Outro. Na guerra, quem se utiliza dos maiores artifícios são os estrangeiros, haja vista o olhar depreciativo aos países de Terceiro Mundo, vistos continuamente como massa de manobra e fonte de recursos naturais e humanos. A tal proposta 'catequizadora e salvadora' do europeu serviu tão somente para flagelar e degradar milhões de indivíduos em todo o planeta e, neste cruel estratagema de conquista e manutenção do poder, as mulheres negras e indígenas são as que mais sofreram e ainda sofrem espoliação de todo o tipo.

Comungando de semelhante pensamento, no Canto XVI "Yamami", os personagens, turistas que vêm ao Brasil e passam pelo Amazonas, e outras localidades não se preocupam com as belezas vistas, mas somente com a indiazinha encontrada num dos passeios turísticos:

> [...]
>
> Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda.
>
> Que turista é você? E a febre amarela?
>
> Só lembro de Yamami.

> Yamami.
>
> Sempre gostei de crianças. Aqui é proibido.
>
> Yamami, meu tesouro perdido. [...]
>
> [...]
>
> Você chega, estanca seu olhar em volta, seu olhar em cada buraco, estopa, saco. E vê no mercado. Um extenso mercado no centro da cidade. A puta que você vê tem onze anos. Ou menos. Parece. Não cresce. Vive seminua, sujinha e deliciosa, esperando a lotação da balsa. Há tucanos para vender. E corpos.
>
> Vivi Yamami lá.
>
> Indiazinha típica de uns 13 anos. [...] Virei um canibal, de repente. Não é tão deliciosa a carne de tamanduá-bandeira (FREIRE, 2005, p. 105-106).

A não importância expressa no discurso do estrangeiro (homem) sobre as belezas naturais existentes no Brasil é evidente; o que desperta interesse ou lembranças desse local ignorado por ele é somente Yamami, criança/adolescente e índia. Evidencia-se a exploração sexual infantil, temática pouca suscitada, discutida e ignorada na prosa brasileira, lembrada no momento através da personagem citada. E ao ir mais a fundo, pode-se pensar na personagem Yamami como a própria Amazônia, que há muitos anos foi explorada pelo colonizador. Yamami é, nesta perspectiva, uma representação metonímica do lugar que habita, sendo ela e solo amazônico frutos de usurpação e dano alheio, num doentio círculo vicioso no qual, pela miséria da menina, a luxúria e a ambição do estrangeiro de regozijam e se alimentam.

No excerto, a palavra *mercado* é mencionada, ao qual remete a um ambiente onde se vende mercadoria, isto é, Yamami, mercadoria à venda, por isso, o personagem cita que há, além de animais, "corpos" para vender. Além dessa horrenda cena, ele igualmente a compara com um animal ao comentar "Não é tão deliciosa a carne de tamanduá-bandeira". O personagem vira um verdadeiro canibal e a mulher um objeto-animal, vista como "carne' a ser saboreada pelo homem; em outro fragmento do mesmo conto o turista revoga o destino de Yamami ao pronunciar "[...] minha meretriz, o meu turismo" (FREIRE, 2005, p. 107).

Nos dois contos, a culpa da exploração sexual visualizada como situações de estupro é advogada à figura feminina, como se se reafirmasse muitas expressões (mal) ditas em que a mulher usa a sexualidade para conseguir o que quer. Isso nos remete a vários discursos atuais, como por exemplo, o caso da moça que fora estuprada por um grupo de mais de trinta homens, e, diante do qual, percebe-se a reação de vários jovens de ambos os sexos que justificam o fato: "o que ela estava fazendo naquele local em determinado horário?", "ela era usuária de drogas", em detrimento de muitas outras vozes que querem justificar a atrocidade da violência ocorrida. Levanta-se a bandeira de que o estupro é errado, mas se justifica socialmente esta barbárie pelas indagações e afirmações correntes.

A generalização da normalidade toma conta do pensamento humano como se as *negrinhas* do Haiti e do Burrunti e Yamami, do Amazonas, gostassem ou quisessem ser exploradas, invadidas, extorquidas. Esse processo no qual a mulher fora explorada por muito tempo e ainda é, tornou-se uma prática tão corriqueira que passa muitas vezes despercebidas pelo olhar humano.

> Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como

> monitores de classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargo de chefia nas empresas, começamos a achar "normal" que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens (ADICHIE, 2015, p. 18).

Logo, caímos e cometemos o mesmo erro de pensar que tudo que é obvio para alguns é também para todos. Nesse caso, ao vivenciar um contexto no qual a mulher é explorada sexualmente, esta situação firma-se como normalidade a tal ponto de passar despercebida tal realidade descabida.

A mulher não está submetida apenas ao olhar exploratório sexual que se evidencia como uma forma de violência, mas vivencia esta realidade de outras diversas facetas, como a psicológica, física, simbólica, verbal, doméstica, entre outras.

É de relevo a presença constante da violência nos contos de Freire, no canto III "Esquece", a palavra Violência aparece oito vezes e todas no início do excertos, caracterizadas pelo **V** maiúsculo. No canto V "Vanicléia", vê-se a condição desta, sofrendo com tal intensidade que prefere viver em outras condições:

> U, hum. Agora ter que aguentar esse bebo belzebu. O que é que ele me dá? Bolacha na desmancha. Porradela na canela. [...]
>
> [...] Qual é a minha esperança com esse marido barrigudo, eu grávida? Que leite ele vai cosntruir?
>
> [...]
>
> Agora que valor me dá esse belzebu? Quanto vale ele ali, na praça? "tirar sangue de mim. Cadê meus dentes? Nem vê que tô esperando uma criança. Agora, disso ninguém tem ciência. Ninguém dá um fim.
>
> Mulher como eu ser tratada assim (FREIRE, 2005, p. 41-42).

Vanicleía era prostituta, mas já estava cansada de viver a vida boêmia, pensa então viver uma outra realidade, casar-se e ter filhos, como "toda" mulher sonha, no entanto, ao transpor-se para o outro contexto, encontra e vive num ambiente totalmente hostilizador, violento e não acolhedor, o que lhe remete então o pensamento ao passado quando se prostituía, pois era tratada melhor. De tanto sofrer com bruta agressão, se sua filha for menina, resolve que vai ensiná-la a seguir os mesmos passos da vida passada. O personagem masculino "tira sangue" e descaracteriza a mulher tirando dela todos os dentes. Relacionando o substantivo próprio **V**anicléia ao substantivo concreto **V**iolência, tem-se uma relação do emprego da letra **V**, que remete aos atos sofridos pela personagem. A violência em torno da mulher está tão impregnada no contexto social contemporâneo, e muito tem a ver com a própria forma de colonização dos lugares mais violentes às mulheres, que as próprias mulheres não julgam certas formas cotidianas de violência e, muitas vezes, colaboram com a manutenção de atos de violência porque julgam ser normais tais 'atitudes de homens'. Isso é tão comum que seria difícil encontrar alguém no Brasil, por exemplo, que não tenha conhecido alguma mulher que já tenha apanhado de um companheiro. Dolorosamente, sabe-se que muitas delas prosseguem a vida com eles, em um literal processo de 'dormir com o inimigo'.

Em *BaléRalé,* no conto "Jéssica", a mesma sofre violência pelo "cara" que matou a sua filha, insulta-a de vagabunda, mordendo sua língua e pedindo para ela "ciscar" no ouvido dele, ou seja, suspirar baixinho. Mas quando pensamos no verbo "ciscar",

logo o relacionamos a um animal, neste caso, a galinha. Jéssica sofre com esta grande opressão:

> [...] disse assim respire fundo cravou os dentes no meu pescoço arranhou as minhas costas chegou no meu seio durinho devagar e forte devagar e forte amarrou a mão nos meus cabelos [...]
>
> [...]
>
> [...] pensei em gritar que não queria mas não devia ele me batia com o pau molhado a cabeça sangrenta acesa do seu mastro e gritava que eu dissesse baixo põe tudo seu desgraçado me fode nunca vi animal assim tão macho cheirando a cavalo óleo asfalto vindo para cima de meu traseiro rápido passou saliva nos dedos primeiro enfiou um e aí dois dedos uma das mãos alisando a minha buceta fique calma calminha fiz o que ele mandava empurrou sua vara até o meio vara grossa como uma árvore derrubada vara grossa como uma tempestade [...] (FREIRE, 2004, p. 101-102).

O fragmento externa a crueldade, a brutalidade praticada pelo personagem homem que não é identificado; Jéssica, além de perder sua filha assassinada, e provavelmente estuprada também pelo mesmo cara, agora se vê na mesma situação. Algumas palavras no conto têm bastante peso semântico, como: cravou, amarrou, tempestade, dentre outras. Demonstrada assim, a verdadeira "tempestade" na vida de uma mulher quando passa pela situação do estupro.

Na continuação do conto, ela sofre diversas "retaliações", é chamada de piranha quatro vezes, gozam e mijam nela, e como ela mesma diz, ele veio "[...] feito vento violento [...]" (FREIRE, 2004, p. 103). Somente depois de sua partida ela se pôs a chorar "compulsivamente e assustadoramente", de onde resulta então o desfecho, "[...] doutor por favor diga o que devo fazer que nome dar a essa filha que não quero ver nascer? [...]" (FREIRE, 2004, p. 103). O conto é um desabafo/desafogo, sem pontuação durante todo o texto, pois inicia-se como se você inspirasse e finaliza com um ponto de interrogação, como se você expirasse, não como símbolo de alívio, mas como desabafo, hora transferido ao choro irrefreável. A "tempestade" não veio com ventos amenos, mas com ventos violentos e acabou por deixar calamidades terríveis a uma vida.

A falta de pontuação no conto também expressa o momento agonizante (falamos do estupro) que vivem tantas mulheres dos quatro cantos do mundo, desejam que não se tenham "paradas" ao passar por essa tormenta, ou seja, que se finalize logo, pois têm seus corpos "estraçalhados" como copos de vidros caindo ao chão, além disso, podemos utilizar-nos do ponto de interrogação no final do conto, porque isso frisa a realização de uma outra interrogação ou interrogações, por que a mulher ainda passa por tal situação? Por que vivencias tais atrocidades? Por que é vista como mero objeto sexual? Por que não é respeitada e não é valorizada nos mais diversos contextos? Por que matam-na "invadindo" seu corpo, causando várias sequelas e hematomas que duram por toda a sua vida? ... É pertinente pensar que o conto não termina com um ponto final, alude então a atrocidade ocorrida à figura feminina.

Muitos séculos se passaram, porém as barbáries contra a mulher na contemporaneidade são visíveis, podemos cair na dicotomia vazia e expressar que as coisas para as mulheres não são difíceis e diferentes em pleno século XXI em relação aos homens. Vale lembrar que não vivemos em um espaço hegemônico, o hibridismo é um fator de essencialidade em nossa formação cultural. A situação de distinção de gênero é

muito real em nossa sociedade, um exemplo a destacar é a situação de Adichie, ao relatar uma de suas experiências:

> [...] Abri a bolsa, peguei o dinheiro e lhe dei. E ele, feliz e grato, pegou o meu dinheiro, olhou para o meu amigo e disse: "Muito obrigado, senhor!". Surpreso, Loius me perguntou: "Por que ele está me agradecendo? Não fui eu quem deu o dinheiro". Percebi então, pela expressão de meu amigo, que a ficha tinha caído. Para o flanelinha, qualquer dinheiro que eu pudesse ter certamente provinha de Louis. Porque Louis é homem" (ADICHIE, 2015, p. 21-22).

É perceptível que a ideia de gênero ainda prevalece e nossas ideias sobre tal deixam a desejar. Dotados de inteligência, criativos, astutos, inventivos, são o homem e a mulher, todavia essa diferenciação é prorrogada até pela própria biologia, ao prescrever as diferenças de quantidades de hormônios, órgão sexuais diferentes, em um poder ter filho e outro não, quantidade de testosterona, dentre outros aspectos. Ainda há diferenças, como por exemplo, 52% da população mundial é feminina, porém os maiores cargos, sejam de prestígio ou de poder, estão nas mãos de homens. Abre-se então um largo bloco de diferenciação.

Apesar desse conjunto de incompreensão de espaços, do coral de silenciamentos de vozes da mulher, as poucos vão se "rasgando as cortinas", e elas vão se apresentando, mas ainda de forma tímida e restrita. Os contos de Freire aqui apresentados fazem essa composição aos poucos, primeiro "Alemães vão à guerra" e "Yamami", as vozes são traçadas pelos homens, e as mulheres apenas aceitam "caladas" sem possíveis denúncias, segundo Vanicléia e Jéssica, embora as histórias sejam contadas por elas. As mesmas começam a obter espaços e vozes, no entanto somente balbuciam.

Ao adentramos no canto XI "Totonha", contido em *Contos negreiros*, percebemos que as apresentações mudam, o espaço, antes negado à mulher, agora se subverte, é invadido, ou melhor, o espaço é questionado, e a voz da mulher começa a tomar outra tonalidade e a ter outro fôlego. No canto/conto, incialmente podemos fazer uma interpretação superficial ao dizer que ela, a Totonha, não quer aprender a ler, ou continuar em sua vida simplista, mas precisamos ir além dessa perspectiva e olharmos nas entrelinhas do texto.

Totonha dispensa a possibilidade de "ensino" colocado à sua disposição e usa a sua fala para desdenhar e ironizar o governo atuante:

> [...]
>
> O governo me dê dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-linguiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, tá me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química (FREIRE, 2005, p. 79).

Totonha utiliza-se de sua "ignorância" para criticar o dominante e ressalta que saber ler e escrever é "[...] pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre [...]" (FREIRE, 2005, p. 79). Ao ler nas entrelinhas observamos a revolta dela com muitas pessoas instruídas pelo estudo, mas que todavia se utilizam dessa sabedoria/ignorância para usurparem e não para melhorarem a sociedade e o espaço em que vivem, não está apenas denotando sua velhice ou "invalidez" para tal atividade, mas que na sua simplicidade compreende e percebe o mundo a sua volta. Destacamos:

> Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem?
>
> Morrer já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. [...]
>
> [...]
>
> [...] Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta?
>
> [...]
>
> Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O prefeito que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber ler o que assinou. Eu é que não vou baixar a minha cabeça para escrever.
>
> Ah, não vou (FREIRE, 2005, p. 80-81).

O ato de escrever exposto para Totonha não é o ato de educar e sim uma imposição emblemática ferrenha da cultura externa (doutrinadora). Ela não se entrega de forma alguma ao (im)posicionamento, articula de todas as maneiras, desvinculando-se da artimanhas do neoimperialismo, do olhar panóptico. Não precisa implantar uma nova cultura, pois a sua já é válida para sobreviver, compreender e participar do mundo onde vive. Por isso, finaliza a sua fala, dizendo que não vai baixar a cabeça e entregar-se àquele processo. Logo, não se pode deixar a imposição, o rechaço, a retaliação, a exploração ocorrer ao ser feminino, assim como as negrrinhas do Haiti e Yamami; balbuciar, e deixar-se ser violentada como Vanicléia e Jéssica; mas não inclinar a cabeça como Totonha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa arrolada mostrou um panorama geral da visão do Outro sobre o outro, em destaque a figura da mulher, como proposto no objetivo. A partir do estudo compreendeu-se que a crítica pós-colonial, feminista e de gênero, são ferramentas fundamentais para posicionar-se frente às atitudes que cunham o subjugamento daqueles que encontram-se à margem dos padrões estabelecidos pelo "Centro", ora apesar de séculos se passarem, ainda prevalece nos mais variados contextos a inferiorização e subalternização da mulher.

Não só na escrita e na construção de obras coloniais, como pós-coloniais e ainda nas contemporâneas, a mulher ainda é retratada e sujeitada a muitos poderios e padrões vigentes, ocorrido pela postura advinda da conjuntura social e da construção feita a base de estereótipos e objetificação. Destacam-se essas posturas pelo seguinte vetor: apesar de terem se passados séculos de transformações sociais, políticas, econômicas, e de um trabalho voltado na descolonização da mente, desmascaramento e conscientização, ainda se perduram em pleno século XXI (ano de 2017), muitas posições, atitudes e práticas que minimizam e relegam os direitos femininos e sua importância na vida da sociedade.

Todavia, apesar da constituição dos muitos silenciamentos existentes e dos mitos criados a respeito da mulher, de sua degradação diante dos posicionamentos colocados em ambientes, onde a questão de gênero só serve como pauta de subordinação e de insignificação, ela começa a constituir-se como Sujeito, isso é percebido por muitas

manifestações, como: os movimentos e manifestos ocorridos, as lutas pelo espaço e pelos direitos, na ficção podemos aludir à voz da mulher presente no cânone literário que se desenvolve rompendo os pressupostos masculinos, identidade, relevância de papel e da não subordinação são discutidos nos textos ficcionais. A mulher se põe como escritora, adotando uma visão pós-colonial e de gênero, desvelando as grandes mazelas de objetificação e de não entrega ao sistema ditatorial, atrelado às variantes desvalorativas da posição da mulher.

A análise ainda nos possibilitou a construção de um "arquipélago", constituído de um mapeamento ao qual a mulher nos contos "Alemães vão à guerra" e "Yamami", estão relegada as vozes, subnutrindo-se do silenciamento e da objetificação, depois em "Vanicléia" e "Jéssica", temos os balbuciamentos impregnados de revoltas, mas ainda entregues aos contextos, deixam-se envolver-se pela abnegação, por último "Totonha", destemida, não alheia, firme, e consciente de sua posição, não curva a cabeça para o que lhe é imposto.

Por conseguinte, a figura da mulher contemporânea, apesar dos questionamentos, das lutas e da igualdade de gênero, ainda vivenciam as diversas mazelas oriundas ainda do contexto colonial, ainda mais quando se trata do subjugamento aos mais variados tipos de violência, entretanto, a resistência persiste e a insubordinação aos paradigmas ainda constituídos são marcados pelas ensejos de igualdade, seja ela econômica, política ou social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. – 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. v. 1, trad. Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Rev. e ampl. – Maringá: Edduem, 2009.

FREIRE, Marcelino. **BaléRalé**. – 2. ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

____. **Contos negreiros**. – 9. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Rev. e ampl. – Maringá: Eduem, 2009.